

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

O DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Caderno Pedagógico



Ângela Paloma Zelli Wiedemann
Eloiza Aparecida Silva Ávila de Matos
Rodrigo Garcia da Silva

Ponta Grossa
2020

INTRODUÇÃO

Este documento de texto direciona-se aos professores de Ensino Médio e tem por intuito descrever o sobre o conceito do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA), o qual foi o diferencial para a inspiração, ideação e implementação do produto educacional da dissertação “Desenvolvimento de Tabela Periódica em Manufatura Aditiva Aplicando o Conceito De Desenho Universal para Aprendizagem”. O DUA tem como escopo a aspiração de proporcionar a todos os indivíduos oportunidades educacionais plenas e iguais. Nesse contexto, ele pode ser entendido como uma forma de olhar o currículo sob novas perspectivas, ou seja, conceitua-se como uma flexibilização curricular. Denota-se disso, possibilitar a educação inclusiva, em seu sentido amplo, quando todos os alunos em suas especificidades, quaisquer, interagem e constroem o conhecimento de forma colaborativa.

Muitas escolas projetam seus currículos para o aluno médio padrão – o mito do aprendiz mediano – sem considerar a variabilidade de estudantes

e as especificidades que eles apresentam. Por vezes, educadores utilizam em suas aulas apenas um modo de representar o conteúdo, um exemplo é o texto impresso que, ainda, impera como a principal forma avaliativa.

O DUA busca a “reinvenção”. Em algum momento da caminhada acadêmica, escolas, professores e estudantes precisam se reinventar. A flexibilização curricular proporcionada pelo DUA traz um enorme benefício, principalmente para os estudantes, pois para Meyer, Rose e Gordon (2014, p. 5) “caminhos mais diversificados permitem que mais alunos sejam bem-sucedidos”.

Nessa nova perspectiva de currículo que o DUA apresenta, as diferenças constituem aos indivíduos como potencialidades do processo de ensino e aprendizagem. Por isso, os materiais didáticos precisam ser acessíveis a uma variabilidade de estudantes, promovendo o aprendizado através das diferenças, que compõe a diversidade, estimulando as potencialidades individuais.

Figura 1 – Sala de aula diversificada



Fonte: <http://www.udlcenter.org/abuttudl>

HISTÓRICO

O DUA tem seu fundamento e origem no conceito de Design Universalⁱ (DU). Isso significa que o DU está relacionado aos ambientes e produtos e, o DUA, direcionado à área educacional, como os processos didáticos pedagógicos e de ensino e aprendizagem.

A ideia do DU nasceu após a Revolução Industrial, quando se questionou a massificação dos processos produtivos, principalmente no setor imobiliário, que seguia um modelo padronizado de medidas de construção civil. Mas, somente após a

Segunda Guerra Mundial que o DU ganhou notoriedade, pois esses

questionamentos de “homem padrão” nem sempre era o “homem real” e, com o pós-guerra, o número de pessoas com deficiência, principalmente física, aumentou significativamente.

Nos anos 1960, o DU adquiriu força e, em 1961, houve uma Conferência Internacional na Suécia, com a participação de países das Nações Europeias, Estados Unidos e Japão. Em 1963, em Washington, surgiu a comissão intitulada *Barrier Free Design*, a qual foi precursora da terminologia do *Universal Design*, que no Brasil é conhecido como DU. Para os autores Carletto e Cambiaghi

(2007, p. 08), a primeira Conferência Internacional:

[...] foi o berço para que em 1963, em Washington, nascesse a *Barrier Free Design*, uma comissão com o objetivo de discutir desenhos de equipamentos, edifícios e áreas urbanas adequadas à utilização por pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Mais tarde, esse conceito – tomado com mais profundidade pelos Estados Unidos – ampliou seu foco e mudou de nome. Passou a ser chamado de *Universal Design* e se propôs a atender TODAS as pessoas, num aspecto realmente universal.

Ronald Mace era arquiteto, usuário de cadeira de rodas e respirador artificial e um dedicado defensor dos direitos das pessoas com deficiência. Em 1987, Mace fundou o Centro de Design Universalⁱⁱ (CUD) da Universidade da Carolina do Norte, e acreditava que o Desenho Universal não era o surgimento de uma nova ciência ou estilo, mas sim “a necessidade de aproximarmos as coisas que projetamos e produzimos, tornando-as utilizáveis por todas pessoas” (CARLETTO; CAMBIAGHI, 2007, p. 10). Em conformidade com o CUD (2019):

O Centro de Design Universal é um centro nacional de informações, assistência técnica, e um centro de pesquisa que avalia, desenvolve e promove acessibilidade em Desenho Universal nas habitações, comércios e estabelecimentos públicos, ambientes externos e produtos. Nossa missão é melhorar os ambientes e produtos através da inovação do design, pesquisa, educação e assistência do design (tradução nossa).

O DU se baseia na visão de que o design dos ambientes e dos produtos pode ser previamente pensado de forma a permitir o uso por um número maior de pessoas, sendo mais flexível, sem que haja a necessidade de adaptações posteriores. O CUD (2019) conceitua o Desenho Universal como:

Design universal é o design de produtos e ambientes para ser usado por todas as pessoas, na maior extensão possível, sem a necessidade de adaptação ou design especializado. A intenção do design universal é simplificar a vida para todos fazendo produtos, comunicações e construção de ambiente mais acessível ao maior número possível de pessoas com a possibilidade de baixo custo ou nenhum custo adicional. O desenho universal beneficia pessoas de todas as idades e habilidades (tradução nossa).

O DU apresenta uma abordagem com sete princípios que precisam ser incorporados em todos os projetos. Para chegar até esses princípios, Ronald Mace, na década de 90, articulou a criação de um grupo técnico formado por arquitetos, engenheiros e designers para abranger uma ampla gama de disciplinas de design, incluindo ambientes, produtos e comunicação.

Figura 2 – Design Universal em Ambientes



Fonte: <https://guiaderodas.com/desenho-universal/>

Essa equipe, estruturada por Ronald Mace, reconhece que é improvável que qualquer produto ou ambiente possa ser usado por todos, em todos os momentos e contextos, por isso o DU é um processo de reflexão (CUD, 1988, p. 02). Para Mace, o fato dele ser uma pessoa com deficiência e liderar esse grupo “seria um estímulo à percepção das necessidades humanas para que se pudesse, a partir daí, projetar produtos que pudessem servir a todas as pessoas, independentemente de suas limitações ou habilidades” (MORAES, 2007, p. 33).

Para o CUD (2019), os sete princípios podem ser utilizados para “avaliar projetos existentes, guiar o processo de design, educar designers e consumidores sobre características

dos ambientes e produtos para que sejam mais utilizáveis” (tradução nossa)ⁱⁱⁱ. Os sete princípios do DU em consonância com o *Center Universal Design* (CUD, 2019) são: (1) Uso Equitativo; (2) Flexibilidade no Uso; (3) Uso Simples e Intuitivo; (4) Informação Perceptível; (5) Tolerância ao Erro; (6) Pouco Esforço Físico e (7) Tamanho e Espaço para Abordagem e Uso.

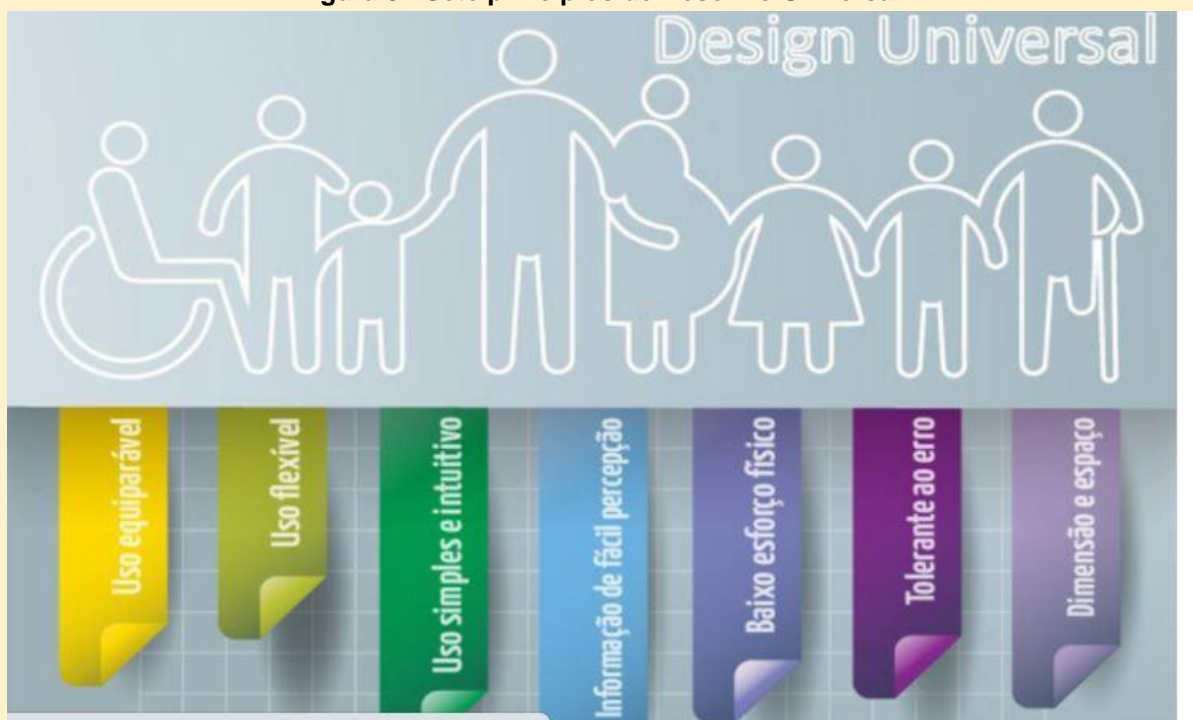
No Brasil, o DU ainda é pouco utilizado, tanto na teoria quanto em sua efetiva prática, é preciso ampliar a concepção de ambientes e produtos que englobem a maior faixa etária e número de usuários. Para Merino (2014, p. 54) “o Design Universal é um tema recente no Brasil e ainda pouco explorado, tanto no meio acadêmico quanto nas práticas profissionais”.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, em seu Artigo 3º e inciso II, aponta que o DU é uma “concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem

da aprendizagem; os materiais didáticos e as avaliações.

Na década de 80, a nascente da internet estava proporcionando diversas modificações na sociedade, economia, comunicações e na

Figura 3 - Sete princípios de Desenho Universal



Fonte: <https://www.ensinonacional.com.br/atendimento-educacional-especializado-aee-3/>

necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva” (BRASIL, 2018).

A pesquisa em questão utiliza a terminologia Desenho Universal para Aprendizagem (DUA)^{iv} com base nos trabalhos de estudiosos como Anne Meyer e David Rose e David Gordon, pois o DU é aplicado no contexto educacional dos currículos e, para esses pesquisadores, entende-se por currículo as metodologias; os objetivos

educação. A Apple havia lançado seu primeiro computador para uso pessoal acessível ao mercado de massa, que oferecia uma interface gráfica de usuário, opções de exibição multimídia e rede. E propulsionada por essa mudança na era das comunicações é que no ano de 1984, Anne Meyer, David Rose, David Gordon e colegas fundaram o *Center of Applied Special Technology* (CAST)^v.

Com a estreia do primeiro computador para uso doméstico, o

Macintosh, as tão desejadas transformações para uma educação igualitária não ocorreram devido as próprias limitações tecnológicas e mudanças sociais que essas aspirações necessitavam. Havia o computador, mas não existiam programas leitores de tela para pessoas cegas ou com baixa visão. Mas, ainda assim, as novas tecnologias da comunicação e informação eram poderosos agentes de modificações sociais, propulsionadas por um anseio da sociedade pela diversidade.

Os pesquisadores da CAST acreditavam que as ferramentas digitais poderiam ser ótimos instrumentos para a aprendizagem dos estudantes com deficiência, elas apresentavam uma inovação da forma que o conteúdo era exibido. Anne Meyer e colaboradores se conheceram em uma clínica hospitalar de tratamento infantil, eram membros de uma equipe multidisciplinar de avaliadores de crianças com dificuldade de aprendizagem. Oriundos do modelo médico, se sentiam frustrados não com os achados diagnósticos, mas com as recomendações futuras que pareciam não serem eficazes (MEYER; ROSE; GORDON, 2014).

Com o uso da tecnologia, adaptando-as e, até mesmo, inovando-as, o CAST buscou auxiliar os estudantes com deficiência em suas barreiras no ambiente, ou seja, na escola, mais especificamente na sala de aula. Entretanto, as tecnologias eram idealizadas em seus laboratórios e era difícil a integração dessas ferramentas no cotidiano dos estudantes e professores nas escolas.

Meyer e colaboradores (2014) estavam inquietos com sua abordagem inicial, pois perceberam que o ideal não era ajudar na quebra de barreiras dos estudantes com deficiência de modo isolado, mas auxiliar as escolas em conjunto com todos os estudantes na redução ou eliminação dessas barreiras, para eles, as tecnologias poderiam ir além de modificar os alunos, poderiam mudar as instituições de ensino.

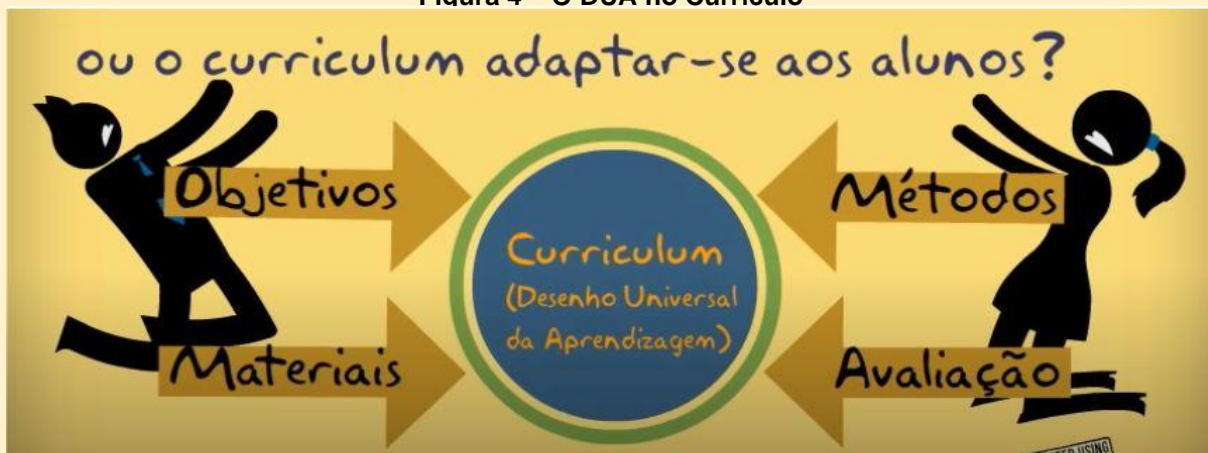
Antes, o CAST criava livros digitais adaptados a cada estudante com deficiência, ou seja, para aqueles com vocabulário limitado, criavam um livro com definições vinculadas; para aqueles com deficiência física, um livro que pudessem virar a página com a interface de um único clique; para aqueles com baixa visão, botões grandes que expressassem suas funções. Perceberam, então, que poderiam criar um único livro digital

com todas essas opções incorporadas e com uma interface personalizável para que cada aluno encontrasse os suportes necessários (MEYER; ROSE; GORDON, 2014).

Dessa forma, Meyer, Rose e Gordon (2014) perceberam que o problema não estava nos estudantes, mas no currículo. Eles entendem como

Assim, como o currículo frequentemente é planejado para um tipo de aluno padrão, o aluno médio ilusório, o texto impresso também é elaborado por uma padronização, uniformidade e rápida reprodução, permitindo, então, a educação em massa. O currículo, projetado apenas para o mítico aprendiz médio, adepto

Figura 4 – O DUA no Currículo



Fonte: <https://diversa.org.br/>

“currículo” os objetivos da aprendizagem, os meios de avaliação, os métodos de ensino e os materiais.

Claro que o estudante e o currículo não são duas partes separadas. É justamente quando o estudante e o currículo interagem de forma dialética que a aprendizagem tem possibilidades de acontecer, porque o currículo não está engessado apenas para um tipo mítico de aluno, como o aluno médio. E a partir dessa nova abordagem que conceberam o termo DUA no início dos anos 90, incorporando três novos princípios.

da navegação no ambiente impresso, fez com que diversas barreiras fossem criadas para aqueles estudantes que não conseguiam acessar ou expressar seus conhecimentos nesse único meio.

Isso fez com que diversos estudantes aparecessem em clínicas especializadas, fossem diagnosticados com alguma deficiência ou dificuldade de aprendizagem e encaminhados para a Educação Especial. Com sorte, poderiam descobrir escolas e professores que encontravam uma maneira de desenvolver materiais

adaptados para cada caso, sendo que esse processo de adaptação foi caro e altamente ineficaz (MEYER; ROSE; GORDON, 2014).

Os autores supramencionados afirmam que, em 2002, estudiosos do DUA publicaram seu primeiro trabalho intitulado *Ensinando Todos os Alunos na Era Digital: Desenho Universal para a Aprendizagem*^{vi}. Com essa publicação, a comunidade educacional

passou a debater uma questão interessante de que todos os estudantes enfrentavam barreiras e impedimentos em sua capacidade de desenvolvimento e formação da cidadania, não apenas os estudantes com deficiências, pois apesar da aprendizagem ser um processo social, cada um tem uma forma particular de aprender.

OS PRINCÍPIOS

O DUA não abandona os sete princípios fundamentais do DU, mas inova ao criar três princípios que estão diretamente ligados com a neurociência moderna e as redes de aprendizagem. O DUA recorreu à pesquisa em neurociência e educação e elevou a flexibilidade da tecnologia digital para projetar currículos e ambientes de aprendizagem para todos os estudantes, de forma equitativa e igualitária. Visando atingir esses objetivos, o DUA segue três princípios, a saber:

Muitos educadores podem afirmar que não há tempo disponível para pensar em um currículo que atenda cada aluno individualmente, entretanto, avanços na neurociência moderna permitiram uma compreensão singular das diferenças individuais, ou seja, existe uma variabilidade normal previsível em toda população em que as funções do cérebro caem ao longo de uma variável contínua sistemática (MEYER; ROSE; GORDON, 2014). Isso contradiz a ideia de normalidade e desvio de

- 1. Fornecer múltiplos meios de engajamento;**
- 2. Fornecer múltiplos meios de representação;**
- 3. Fornecer múltiplos meios de ação e expressão (MEYER; ROSE; GORDON, 2014, p. 04, tradução nossa).¹**

normalidade, isto é, os seres humanos são dinâmicos e variáveis dentro de um espectro.

Desse modo, um professor pode planejar a variabilidade esperada dentro de um currículo, ampliando as habilidades naturais de cada estudante dentro dessa faixa, além de permitir a redução de barreiras para a aprendizagem. Podem ocorrer exceções que necessitem individualizações e soluções únicas inovadoras, mas o professor terá mais tempo para se dedicar a essa empreitada, visto que anteriormente estruturou um currículo flexível.

Um novo panorama que o DUA acarreta é a questão de considerar o ambiente de aprendizagem e a importância da cognição e emoção. As ciências exatas, também se modificam ao longo dos anos, a própria genética que era vista como algo essencialmente individual e inato e, atualmente, considera a epigenética, ou seja, o estudo dos fortes efeitos do ambiente sobre a expressão gênica.

Com isso, o contexto de aprendizagem pode influenciar fortemente uma característica ou

especificidade, fazendo com que um aluno brilhante, mas que tenha dificuldade na leitura de texto impresso, possa ser considerado um estudante com deficiência em ambientes em que o texto impresso é o único caminho para o conteúdo. Sabe-se que os estudantes estão continuamente avaliando o ambiente como benéfico ou ameaçador e, quando se sentem emocionalmente ameaçados não são capazes de alavancar o conhecimento favorecendo a aprendizagem, mesmo que o conhecimento seja sistematizado.

Para Meyer, Rose e Gordon (2014), durante grande parte do século XX os cientistas negligenciaram o papel da emoção devido ao ideal racional enfatizado pelo filósofo e matemático René Descartes, conhecido como pai do racionalismo. Mais recentemente, o psicólogo e neurocientista Richard J. Davidson estudou a neuroplasticidade do cérebro, obtendo evidências de que a função e estrutura do cérebro realmente sofrem mudanças em respostas a experiências socioemocionais positivas.

APLICAÇÃO DO DUA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

As salas de aula estão cada vez mais diversas, pois recebe estudantes com seus próprios interesses, contextos sociais, pessoais, linguísticos, culturais, entre outros. Por isso, quando se planeja um currículo somente para o aluno considerado padrão, muitos outros deixam de ser incluídos, por exemplo, aqueles com Altas Habilidades/Superdotação e com Distúrbios de Aprendizagem. Diante do exposto, não somente os alunos sentem-se desmotivados, mas isso reflete em toda a comunidade escolar, como professores, gestores e pais.

Um exemplo prático de aplicação do Desenho Universal no cotidiano são as rampas nas calçadas em espaços públicos de

acesso aos cadeirantes. Quem utiliza essas rampas, somente as pessoas que fazem uso da cadeira de rodas? Apesar dessas rampas terem sido projetadas para esse público específico, tantas outras pessoas fazem uso, como os idosos, com mobilidade reduzida, com carrinhos de feira, carrinhos de bebê, malas, patins, skates, entre outros. Esse exemplo é na da área de ambientes, mas é importante para enfatizar que, quando se pensa em necessidades específicas das pessoas, tantas outras são beneficiadas e é isso que deve ser pensado para os currículos no DUA.

Para aplicar o DUA, o professor não precisa planejar um plano de aula individual para cada estudante, dessa forma, pode-se

Figura 5 – Cardápio Vegano



Fonte: <https://receitasacademia.com.br/>

fazer a analogia de preparação de um plano de aula com a preparação de um jantar. Quando um uma pessoa, ao comemorar seu aniversário com um jantar, recebe oito pessoas em sua casa, sendo que duas são vegetarianas, uma com intolerância a glúten e outra, vegana.

Ela decidiu oferecer macarrão e a massa foi feita com farinha de arroz sem ovos, leite e farinha. O molho foi de tomate e colocou carne em metade da porção. Para as saladas, ofereceu dois tipos de molhos, um com mostarda e mel e o outro italiano. Para o tão esperado “parabéns”, o bolo de chocolate teve farinha de arroz, amido de milho, polvilho doce, açúcar demerara, cacau em pó, azeite e fermento químico. Para a calda, cacau em pó e açúcar mascavo. Havia sorvete de creme para acompanhar o bolo, alguns convidados aceitaram. Todos elogiaram o jantar.

O professor pode utilizar o exemplo das rampas de acesso e do jantar, flexibilizando seu plano de aula, removendo ou minimizando as barreiras educacionais de alguns e tornando a aprendizagem mais acessível.

Como preparar uma aula sobre a temática da Tabela Periódica (TP) em uma turma variada de 30 estudantes do Ensino Médio, incluindo nessa sala de aula um estudante com Baixa Visão, um com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) e um outro Dislexia? O professor precisa focar em motivar os alunos sobre o tema em questão, representar o conteúdo por diversas vias e, possibilitar que os estudantes expressem seus conhecimentos de maneiras diversificadas e durante todo o processo, não apenas uma avaliação com texto impresso ao final do processo.

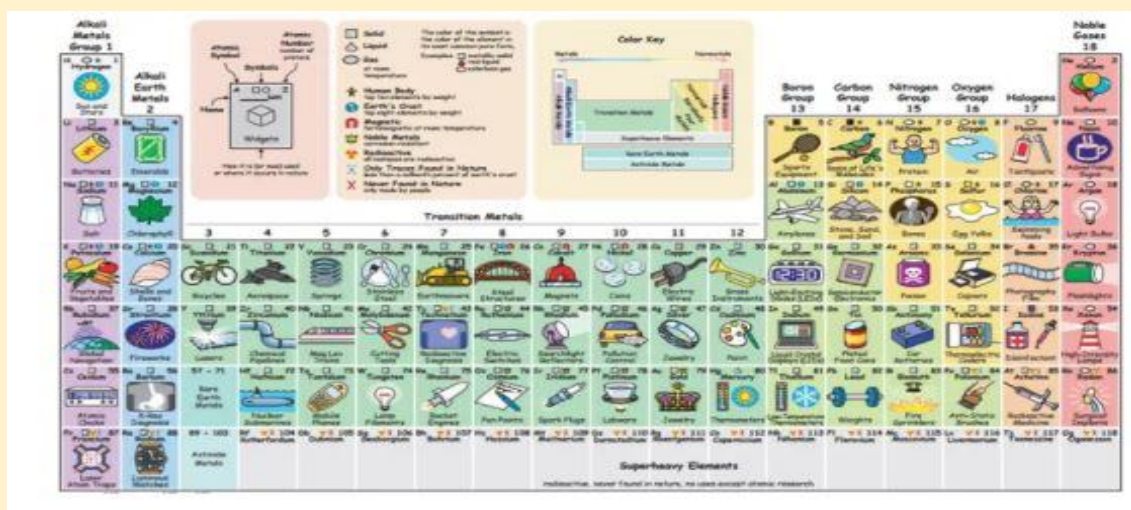
O professor de Química inicia questionando quais estudantes já tiveram contato com a TP e utiliza desses conhecimentos para iniciar o caminho. Faz um levantamento dos elementos químicos conhecidos e onde são encontrados. O professor passa um vídeo relacionando o Universo e a TP, fazendo uma interdisciplinaridade com a Física. Conta a história sobre o surgimento da TP e sua primeira organização, proposta pelo modelo de Mendeleev, até organização atual.

Constituída essa etapa, o professor pode utilizar um jogo ou até mesmo, propor a construção desse jogo ou de uma TP com materiais recicláveis e qual a composição química desses materiais, relacionando com uma interdisciplinaridade com a Biologia. Os alunos são encorajados a

aprendizagem dos estudantes com Dislexia. Por exemplo, pode-se utilizar caixas de produtos reciclados e pintá-las com contrastes escolhidos pelo estudante com Baixa Visão.

Com a participação do estudante com AH/SD, o professor sugere a aplicação de uma

Figura 6 – Tabela Periódica Interativa



Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/>

trabalharem sozinhos ou em pequenos grupos, como desejarem.

Essa proposta tem por finalidade a interação social e construção coletiva do conhecimento. Nessas atividades, é possível representar a TB sendo os elementos caixas com tamanhos diferentes de alturas que possam representar o raio atômico. Ressalta-se que objetos tridimensionais facilitam a

tecnologia para o jogo ou a integração da representação com

materiais reciclados com a Tabela Periódica Interativa já desenvolvida.

O professor faz uma lista com dez opções para o estudante demonstrar seu aprendizado, ele pode escolher até 3. Entre as opções constam: Gravar o que aprenderam em áudio ou vídeo, fazer um mapa conceitual, uma

REFERÊNCIAS

ÁVILA DE MATOS E.A.S.; WIEDEMANN Â.P.Z. (2020) Development of Assistive Technologies in Additive Manufacturing (AM) for People with Disabilities. In: Arezes P. (eds) **Advances in Safety Management and Human Factors**. AHFE 2019. Advances in Intelligent Systems and Computing, vol 969. Springer, Cham.

BRASIL, Lei nº. 13.146, de 6 de jul. de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_A2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em 06 de Agosto de 2018.

CARLETTO, A. C.; CAMBIAGHI, S. **Desenho Universal: Um conceito para todos**. Instituto Mara Gabrilli. São Paulo, 2007

CISCATO, C. A. M. *et al.* **QUÍMICA** (Ensino Médio). 1.ed. São Paulo: Moderna, 2016.

CUD - CENTER FOR UNIVERSAL DESIGN. Universal Design. Disponível em: <http://www.ncsu.edu/project/designprojects/udi/center-for-universal-design>. Acesso em 15/05/2019.

MERINO, G. S. A. D. **Metodologia para a prática projetual do Design com base no Projeto Centrado no Usuário e com ênfase no Design Universal**. 2014. 212p. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-graduação em Engenharia de Produção.

MEYER, Anne; ROSE, David; GORDON, David. **Universal Design for Learning: Theory and Practice**. Wakefield: CAST Professional Publishing, 2014. Disponível em: <http://udltheorypractice.cast.org/home?> 1. Acesso em: 02/05/2019.

MORAES, M. C. **Acessibilidade no Brasil: Análise da NBR 9050**. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

ROSE D. H. e MEYER, A. **Teaching Every Student in the Digital Age: Universal Design for Learning**. 2002.

ⁱ As terminologias Design Universal e Desenho Universal são empregadas na literatura para referirem-se ao mesmo ideal: um conceito para todos. Nessa dissertação utiliza-se o termo Desenho Universal, o qual se encontra fundamentado na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.145/2015.

ⁱⁱ The Center for Universal Design (CUD) is a national information, technical assistance, and research center that evaluates, develops, and promotes accessible and universal design in housing, commercial and public facilities, outdoor environments, and products. Our mission is to improve environments and products through design innovation, research, education and design assistance. Informação do site CUD, disponível em: <https://projects.ncsu.edu/design/cud/index.htm>. Acesso em 09/05/2019.

ⁱⁱⁱ *to evaluate existing designs, guide the design process and educate both designers and consumers the characteristics of more usable products and environments.*

^{iv} No Brasil utiliza-se o termo DUA para Desenho Universal para Aprendizagem, sendo que a sigla em inglês é UDL, que se refere ao termo Universal Design for Learning.

^v Centro de Tecnologia Especial Aplicada (tradução nossa).

^{vi} *Teaching Every Student in the Digital Age: Universal Design for Learning* (2002). Este foi o primeiro livro publicado por Anne Meyer e David Rose sobre DUA. Além da versão impressa do livro, foi construído um site interativo para suporte. Na obra atual de Meyer e colaboradores (2014), os autores relatam que a versão impressa não deveria ter sido a principal, por isso, a obra atual traz a versão digital com os mesmos princípios do DUA de 2002, mas com vídeos, textos interativos, imagens, vocabulários elencados entre outros. Quando acessado o site interativo em que os princípios do DUA foram aplicados, conforme endereço pelo link disponibilizado no segundo livro de Meyer e colaboradores (2014). Segue endereço <http://www.cast.org/teachingeverystudent/ideas/tes/>.